



# O CORPO E SEUS SIGNIFICADOS NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP

Palavras-Chave: Corpo, Identificação, Cultura

Autores(as):

VÍCTOR GABRIEL LUCAS, FEF– UNICAMP

Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. SÉRGIO SETTANI GIGLIO (orientador), FEF- UNICAMP

## INTRODUÇÃO:

Não podemos deixar de pressupor que um curso de formação esteja marcado por inúmeras relações afetivas entre seus agentes. Se tratando de uma correspondência de afetos e mesmo de saberes, a graduação nos mostra que o Eu do indivíduo é passível de clivagem, isto é, que pode se confundir com o Eu do outro na medida mesma em que acolhe traços dos seus semelhantes como se fossem os seus.

Para a psicanálise, este processo de introjeção de componentes particulares do outro ao qual se possui ternura é chamado identificação. Se tratando de um fenômeno que envolve um jogo de posições e mesmo de ternura ou repulsa, é esperado que ele ocorra para além das salas de aula, especialmente se estamos a considerar um curso de formação tal qual o da Educação Física, que intervém culturalmente no e sobre o corpo.

Acreditamos nisso porque entendemos que o contato do estudante com outras pessoas é inevitável: a intersubjetividade é uma marca da sua preparação não apenas para o mercado de trabalho, mas também para a sua vida pessoal. Professores, estudantes, funcionários; em suma, todos aqueles que ocupam o espaço universitário, tem a chance de, de um modo ou de outro, acolherem modelos de vir-a-ser de seus análogos de espécie.

No limite, percebemos que essa inclinação para a identificação parece estar de acordo com aquilo que Lacan reforçou, ao revisitar as teorias freudianas, com as suas formulações sobre o estádio do espelho: no fundo, todo domínio do homem pelo seu corpo tem a ver com as identificações que ele estabelece com a imagem de seus semelhantes.

Assim sendo, toda relação afetiva que estabelecemos com as outras pessoas é de cunho narcísico, ou seja, diz respeito principalmente a nós mesmos. Não se pode amar (ou mesmo odiar) alguém ou qualquer objeto que não nos diga respeito; amamos o outro porque, conforme dizia Freud (2010/1914), ele nos oferece aquilo que nos falta, aquilo que gostaríamos de ser ou já fomos em algum momento de nossas histórias, aquilo que somos (ou pensamos ser) ou até mesmo porque ele possui características que estão implícitas ou explicitamente condizentes com o desejo do sujeito.

Assim sendo, é indubitável que os nossos complexos psíquicos nos direcionam para os demasiados espaços sociais que se relacionam com a *forma* na qual nos estruturamos na sociedade. Isto dá a chance para que nos constituímos a nossa subjetividade e nascemos para os nossos ofícios. Por tratar a respeito de temáticas do corpo, a Educação Física se assemelha a um campo teórico potente no que se refere ao estudo de nossa própria existência, uma vez que nossa vida só é possível mediante um corpo que nos encarna (LE BRETON, 2016) para o mundo e nos oferece o privilégio do sentir.

Dito isto, parece mister salientar que a identificação é um movimento importante de socialização (GUIMARÃES, CELES; 2007) do sujeito e que este, por sua vez, é ambivalente, porque talvez sempre em conflito pelas influências da dinâmica sociocultural e seus próprios impulsos. Ele aprende, por meio dos processos educacionais, a ser um nativo de seu grupo: é que, antes mesmo de nascer para o desejo, ele foi desejado por um Outro que orquestrou os ditames do viver na coletividade que o cerca.

Nesta lógica, não somos, portanto, corpos livres (RODRIGUES,1987), ou seja, regidos apenas pela razão, máquinas passíveis de serem modificadas a qualquer instante; somos, antes de tudo, corpos carimbados por códigos e, por que não, reprimidos pela cultura. O ritmo fornecido pelas formações do nosso inconsciente nos mostra que o motor das ações humanas é a pulsão, aquilo que parece vir no lugar do instinto para nos tornarmos seres culturais (NETTO, 2020).

Desta forma, é presumível que o corpo tenha sofrido, ao longo de toda a história do homo sapiens sapiens, destinos variados: os corpos não se estruturam da mesma maneira, apesar de sua biologia abranger semelhanças anatômicas. Cada um deles se inscreve no tecido social por intermédio de uma fantasia única, isto é, uma narrativa através da qual se pode falar sobre o real, uma base por meio da qual a realidade psíquica particular do sujeito venha à tona para subsidiar a sua existência como ser aculturado.

Seria injusto, pois, ignorar o fato de cada corpo seja único em sua subjetividade, ainda que esta diga a respeito dos grupos sociais pelos quais ele foi exposto e as relações humanas que ele estabeleceu. Nosso corpo não é meramente natural: ele se formula por intermédio da linguagem e da cultura, o que traz à tona a importância dos saberes que se inscrevem em nosso psiquismo.

Ele, o corpo, é devoto de ideias e mesmo conceitos abstratos, tendo em vista que se esculpe na medida mesma em que é afetado por aqueles condizentes (ou não) com os seus desejos: ser desamparado, subverte a imprevisibilidade ao acolher para si mesmo costumes que lhe tragam uma sensação de familiaridade. Cada gesto que ele imprime no espaço traz à tona os símbolos pelos quais o seu agir foi instrumentado para *fazer sentido*.

Sendo assim, averigua-se que a cultura, diferentemente do que se percebe no senso comum, não pode ser concebida como sinônimo de conhecimento, sabedoria e muito menos de um processo civilizatório. Dito com outras palavras, a cultura não é um meio de classificar pessoas. Longe de rotular seres humanos, ela parece ser fruto do próprio trabalho existencial do corpo em meio aos sacrifícios que ele é convidado a se dispor ao longo de sua vida social. Se raciocinamos sob este ponto de vista, concluímos que todos temos cultura (DA MATTA, 1981) e que ela, de um modo ou de outro, desloca as nossas metas de satisfação para outros caminhos que não necessariamente os sexuais (FREUD, 2020/1930).

Conseguimos, talvez pela plasticidade mesma de nossa sensibilidade, sentir prazer em outras esferas de nossa vida, o que demonstra a íntima relação da estruturação do sujeito com o desenvolvimento de sua sexualidade, elemento visto aqui como os inúmeros caminhos pelos quais o corpo consegue deleitar, como por exemplo o próprio ato de se formar em uma faculdade.

São heterogêneos os caminhos pelos quais os homens aprendem a servir de seus próprios corpos (MAUSS, 2003/1987), o que denota técnicas corporais singulares, permitidas ou não permitidas, a serem exploradas, criticadas, lapidadas, fruídas. No limite, todos guardam em seus movimentos pedagogias silenciosas (WACQUANT, 2011), especificidades e formas nas quais nos debruçamos, investimos e mesmo reforçamos corporalmente. Diferentes são os relevos apresentados pelos nossos corpos: nosso mundo está limitado aos limites que desenhamos em nossos próprios órgãos do sentido.

A estética de nossos corpos revela que o mesmo desamparo que nos constitui enquanto sujeitos nos propulsa à codificação do mundo, o que não seria diferente para as nossas experiências corpóreas: somos seres que talvez sempre busquemos nomear o inominável, produzir propósitos que possamos compartilhar com a comunidade. E mais: decidimos (consciente e inconscientemente) se vamos transmitir e, por conseguinte, perpetuar, pelas vias verbais ou não-verbais, os estímulos que nos afetam. Em uma linha tênue entre seguir a tradição e romper com a mesma, o sujeito se ocupa com o quadro de sua vida, pintando sempre sua realidade com as cores das quais dispõe.

Por isso mesmo, soa pertinente averiguarmos os significados que os estudantes de Educação física da UNICAMP atribuem ao corpo, posto que são por meio destas representações que, em uma atuação profissional futura, eles terão condições para intervir no corpo e, por assim dizer, na cultura (DAOLIO,2014). Propõe-se, portanto, o seguinte objetivo para o atual trabalho: investigar os diferentes significados atribuídos ao corpo pelos ingressos (currículo de 2022) e egressos (currículo de 2006) de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

## **METODOLOGIA:**

Posto que os significados partem de sujeitos e estes, ao que parece, tecem a sua realidade com o auxílio dos instrumentais culturais e linguísticos dos quais teve contato ao longo da sua vida, é provável que as expressões verbais e não-verbais possam dizer sobre um modo muito particular de apreender o mundo e seus fenômenos, o que explana um salto qualitativo da espécie humana no que tange à sua capacidade plástica de entender e se estruturar no mundo.

A variedade dessas noções sobre o real nos possibilita entender a história dos sujeitos como um dos fatores, dentre muitos outros, preponderantes para incentivá-los a perspectivar a vida por um ângulo de vista específico em detrimento de outros possíveis. Neste sentido, as experiências que o sujeito tem contato ao longo de sua história parecem servir de subsídios para separar o seu modo de representar o mundo dos demais de sua espécie, ainda que as suas representações quiçá assinalam conteúdos de não todo-indivíduos, porque compartilhados nas relações sociais e passíveis de gerarem identificação entre as pessoas, tais como valores, mandamentos morais, costumes, hábitos, tradições, técnicas corporais (MAUSS, 2003/1987) e mesmo objetos de sublimação.

Dito em outras palavras, é provável que o sujeito a ser investigado possa, com o auxílio de seus gestos e sua fala, exponha sentidos que ultrapassam a esfera de sua consciência, uma vez que se tratam de saberes interiorizados por um processo educacional do qual seu corpo é protagonista (WACQUANT, 2007), o que o torna uma grande razão (NIETZSCHE, 1974/1883) que ultrapassa os limites da razão.

Dito isto, optamos por um estudo com abordagem qualitativa, tendo em vista que esta metodologia nos propicia enxergar, à luz dos conhecimentos de cada sujeito, os significados a respeito de um fenômeno tão importante para a Educação Física: o corpo. Se tratando de um método que favorece o texto como material empírico (FLICK, 2009), é compreensível que a estratégia de coleta utilizada permita a exposição dos discursos dos participantes e as diversificadas formas pelas quais ele encontra para se anunciar.

Para tanto, escolhemos a entrevista semiestruturada presencial (gravada em áudio para fins de transcrição). Esta técnica favorece a noção de que a lógica representativa de cada sujeito não se limita a um roteiro fechado, isto é, que ela segue uma linha de raciocínio própria que merece condutas igualmente próprias. Ademais, ela permite a flexibilização das perguntas, o que nos permitiu alcançar conjecturas implicitamente correlacionadas com as temáticas do projeto.

Por este motivo, a associação livre dos participantes, estimulada pelas perguntas feitas pelos pesquisadores, permitiu com que as respostas daqueles fossem engendradas à luz de seus pensamentos, o que nos condicionou a símbolos caros aos sujeitos, que provavelmente delimitam ideias e mesmo identificações importantes para as suas vidas. Porém, como a entrevista não se trata de uma análise pessoal e muito menos de uma conversa mantida pelo próprio prazer de se comunicar (FRASER; GONDIM, 2004), obtivemos o cuidado no que tange a sua condução, o que privilegiou a troca de informações entre os envolvidos à luz dos objetivos da pesquisa.

Para ilustrar ainda mais a apreensão destes significados, pareceu-nos pertinente separarmos os participantes da pesquisa em dois grupos: ingressantes (currículo de 2022) e egressos (currículo de 2006) de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Assim, facilitou-se a observação de como o tempo (que nesta situação diz respeito ao período de formação) e o ambiente (espaços pedagógicos e sociais da FEF) puderam ser alguns fatores, dentre muitos outros, capazes de influenciar na forma como os alunos de Educação Física interpretam o corpo. Assim sendo, tivemos a oportunidade de indicar se houve diferenças no modo de pensar o corpo em dois momentos distintos da graduação e compreender quais foram os principais motivos que, em teoria, levaram a esta divergência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Os resultados da presente pesquisa apontam para significados heterogêneos do corpo. Ainda assim, percebemos que um destes significados parece ter destaque no discurso dos entrevistados, como que se surgisse para dar sustentação ao sequenciamento de todo o discurso: a perspectiva do corpo anatômico-fisiológico. Só que, pelo que notamos, este ponto de vista não aparece isolado; outras abstrações surgem logo em seguida após a sua anúncio.

É como se os participantes quisessem complementar a visão biológica (e, quem sabe, insuficiente) do corpo com outras mais condizentes com os seus estudos ou até mesmo as suas vivências mundanas. É esperado que isso aconteça, tendo em vista que o currículo da Faculdade de Educação Física da UNICAMP investe na interdisciplinaridade das diversas áreas do conhecimento, o que dá suporte a noções igualmente plurais do corpo. Além disso, a FEF conta com programas de extensão universitária e grupos de pesquisa que podem influenciar diretamente a percepção destes alunos não apenas sobre múltiplas facetas do corpo, mas também as suas repercussões na atmosfera social. Analisemos dois exemplos:

Corpo...corpo, me vem à mente um sistema de órgãos, uma parte assim bem biológica (...). É um sistema...vários microssistemas que se juntam e que faz funcionar o corpo inteiro assim. E aí se uma coisinha der errado, pode ir influenciando todo sistema, assim: no nível de órgão, de célula, de músculo, de osso, de hormônio...às vezes, uma coisinha muito pequenininha vai desregular o corpo inteiro. Mas eu também acredito numa parte da cultura muito forte. Eu não acho que é só essa parte biológica, porque eu acho que o corpo é também o que a gente mostra pros outros, tanto interno, quanto externo. Então...e tudo que é externo, eu acho que tá muito ligado com a cultura e tipo, o cérebro também, o jeito que a gente vai pensar, que vai se comportar...eu acho que tudo isso envolve o corpo...é...e o lugar que a gente tá, né? Influenciar o país, a cidade, os pais, os amigos...é...tudo isso vai influenciar o que é o seu corpo, como você vai mostrar esse corpo pro mundo...é...como as pessoas vão te ver também, porque o corpo do outro também diz...sobre o seu corpo. (...) você vai "cortar" o seu corpo de uma forma diferente...é, nível de comportamento assim. (Egresso 1, 2023)

Tudo que você é...primeiro: desde o físico mesmo, músculo, pele, ossos...até tudo que você traz com ele...tudo de movimentos, toda cultura que carrega dentro dos seus movimentos mesmo (...). (Ingresso 1, 2023)

Aquilo que há de mais natural no ser humano (o corpo) é, paradoxalmente, o que se revela menos universal. Mesmo que os entrevistados relatem o componente físico do corpo, sabemos, por meio das constatações supracitadas, que ele não é suficiente para descrevê-lo em sua completude. Faltam julgamentos que o traduzam consistentemente: o corpo mesmo parece não aceitar que alguém fale de si mesmo sem ao menos se esforçar (as expressões faciais dos participantes que o digam).

Constata-se, pois, uma dificuldade: os sujeitos não conseguem separar os sentidos de corpo de suas próprias experiências pessoais, o que dá sustentação à noção de que a graduação, de um modo ou de outro, possa contribuir com aquilo que se entende por corpo. As disciplinas, especialmente aquelas voltadas para as ciências humanas (como a própria disciplina de Antropologia da FEF) ajudam, tal como descrito por alguns dos participantes, a pensar “fora da caixinha” (pensar fora da biologia?).

Por apostar na desnaturalização de nossas próprias atitudes, as ciências humanas porventura geram uma sensação de desconforto que, quem sabe, impulsiona o raciocínio a expandir a consciência para outras impressões que não aquelas que nos soam familiares, ou seja, a abraçar o olhar da alteridade que, em certa medida, remete-nos a alteridade de nosso próprio inconsciente (SOUZA, 2015).

Desta forma, ao apostarem em uma ideia mais abrangente do corpo, ambos os grupos (ingressos e egressos) nos mostraram o entrelaçamento inevitável de concepções que, por um lado, torna o corpo um objeto rico em sua capacidade de significação e, por outro, uma matéria inquietante, porque sempre dinâmica. O que queremos dizer com isso é que nenhuma opinião sobre o corpo parece se assentar eternamente sobre o mesmo, já que este é a marca mesma do vir-a-ser (NIETZSCHE, 1974/1874), cujos juízos escorregam à medida mesma em que ele se transforma (assim como o faz a todo instante).

Toda definição sobre corpo traz consigo o vazio e a inquietação, o que, em teoria, explica a breve hesitação ou mesmo embaraço de alguns participantes quando perguntados sobre o que entendem por corpo. Antes mesmo de os significados serem articulados com o auxílio da língua, eles, os entrevistados, quiçá já haviam aceitado a complexidade do fenômeno tratado em questão em seu inconsciente, ainda que tivessem muito a contribuir com as suas estruturas de significados (GEERTZ, 2008/1973).

No limite, temos que as relações que fazemos com o ambiente e com as outras pessoas são preponderantes na ideia que formulamos sobre nós mesmos (incluindo o entendimento que temos sobre o corpo), o que revela a presença de um imaginário social que ultrapassa as rédeas daquilo que poderíamos atribuir sob o nome de “natureza”: nossa biologia mesma está carimbada pela linguagem; ela é, em certa medida, a narrativa cultural que introjetamos ao longo de nossa história.

Sendo assim, o entendimento que os participantes possuem sobre o corpo parecem ter a ver com relações afetivas pelas quais eles estabelecem com os seus próximos, únicos passíveis de sustentarem a realidade simbólica que guiam a estética de suas vidas. Vejamos um exemplo: “ (...) corpo é...que eu penso assim...é as nossas relações (...), então são todas essas relações que tão ali presentes com a gente...tão dentro desse corpo...que vai mudar...vai moldar a gente (...)” (Ingresso 2, 2023)

## **CONCLUSÕES:**

Concluimos, à luz dos resultados bem como as discussões, que o corpo, para os ingressantes do novo currículo (2022) e os egressos do currículo antigo (2006), assemelha-se a um fenômeno complexo: ainda que saibamos de sua anatomia, de sua fisiologia, de sua bioquímica, constatamos que estes elementos não são suficientes para descrevê-lo, posto que, em certa medida, ele está em constante transformação, porque em correspondência com as relações sociais que estabelece, bem como as culturas pelas quais tem contato. Embaralhado no tecido social, o corpo, com as suas respectivas projeções (que não deixam de ser projetos políticos de corpo), flutua em significados os mais adequados à realidade do sujeito, o que o torna um fenômeno conflitivo e, em última instância, estranho ao próprio ator social.

## **BIBLIOGRAFIA:**

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2006.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura (1930) e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. **Doze lições sobre Freud & Lacan**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2020.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Os Pensadores XXXII**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo Liberado?** In: STROZENBERG, I. (Org.). *De Corpo e Alma*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. **Experiência do Outro, Estranhamento de Si: Dimensões da Alteridade em Antropologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

WACQUANT, Loïc. **Habitus como assunto e ferramenta: reflexões sobre tornar-se um boxeador**. *Estudos de Sociologia, UFPE, Recife*, v. 2, ed. 17, 2011.